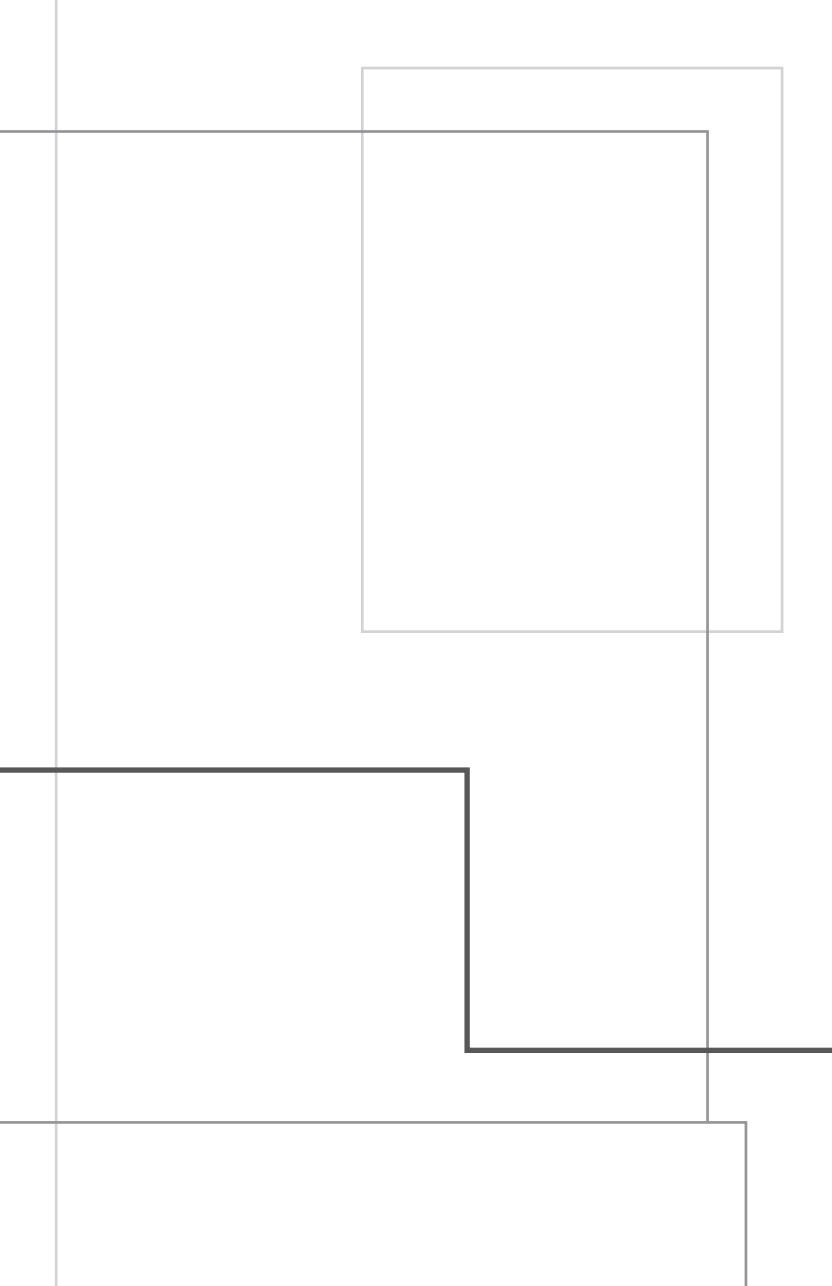


CHARLES SANDERS PEIRCE



CLOTILDE PEREZ (ORG.)

CHARLES SANDERS PEIRCE

A FIXAÇÃO DA CRENÇA



Todos os direitos reservados. Nenhuma parte desta publicação pode ser reproduzida ou transmitida de qualquer forma ou por quaisquer meios, eletrônicos ou mecânicos, incluindo fotocópias, gravações ou qualquer sistema de armazenamento e recuperação de informação sem autorização prévia, por escrito, do editor.

Direção editorial: *Darlei Zanon*

Direção FAPCOM: *Antonio Iraildo Alves de Brito*

Gerente de *design*: *Danilo Alves Lima*

Coordenação de revisão: *Tiago José Risi Leme*

Preparação do original: *Cícera Gabriela Sousa Martins*

Supervisão científica desta edição: *Eli Borges Junior*

Diagramação: *Gustavo Gomes*

Impressão e acabamento: PAULUS

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Angélica Ilacqua CRB-8/7057

Charles Sanders Peirce : a fixação da crença / organização
de Clotilde Perez. - São Paulo : Paulus, 2023.

(Coleção Clássicos para a comunicação)

ISBN 978-65-5562-886-9

1. Filosofia 2. Semiótica 3. Crenças 4. Peirce, Charles Sanders,
1839-1914 I. Perez, Clotilde

CDD 121.7

23-1780

Índice para catálogo sistemático:

1. Filosofia - Crenças



Seja um leitor preferencial PAULUS.

Cadastre-se e receba informações sobre nossos lançamentos e
nossas promoções: paulus.com.br/cadastro

Teleendas: (11) 3789-4000 / 0800 016 40 11

1ª edição, 2023

© PAULUS – 2023

Rua Francisco Cruz, 229 • 04117-091 • São Paulo (Brasil)

Tel.: (11) 5087-3700

paulus.com.br • editorial@paulus.com.br

ISBN 978-65-5562-886-9

SUMÁRIO

9	PREFÁCIO
	A atualidade e a relevância do texto <i>A fixação da crença</i> , de Charles S. Peirce
18	A fluidez da verdade no mundo contemporâneo e a fecundidade da crença
29	A realidade como princípio condutor da inferência
34	A crença produz grande paz de espírito, a dúvida não
39	Os métodos de fixação da crença
40	O método da tenacidade
46	O método da autoridade
55	O método <i>a priori</i>
59	O método científico
67	Crenças limitantes se revestem de causas edificantes
74	Uma clara consciência lógica tem preço

79 A OBRA

A fixação da crença,
de Charles S. Peirce

116 ASPECTOS BIOGRÁFICOS

O muito e o pouco
que se falou sobre Peirce

**141 A semiótica de Peirce no Brasil
e a possibilidade de uma
comunidade de pesquisadores**

146 NOTA BIBLIOGRÁFICA

150 REFERÊNCIAS

PREFÁCIO

PREFÁCIO

PREFÁCIO

A ATUALIDADE E A RELEVÂNCIA DO TEXTO *A FIXAÇÃO DA CRENÇA*, DE CHARLES SANDERS PEIRCE

Clotilde Perez

“Credo quia absurdum.”

Quintus Tertullianus (155-220 d.C.)

Um texto com quase 150 anos, que faz todo o sentido nos dias atuais, diz muito. Diz muito sobre o texto e diz muito sobre seu autor. E este é o caminho que pretendo trilhar aqui: explicitar as razões pelas quais esse texto é pertinente, potente e urgente. Diz muito sobre Charles Sanders Peirce (1839-1914), um cientista original e ousado, características evidentes em sua obra, em vários momentos, como pode ser observado na total inovação quando nos apresenta o conceito de pragmaticismo, um pragmatismo que

é fundamentalmente uma teoria empirista, ou ainda quando afirma, adensando seus ensinamentos sobre as ciências normativas, que o fim último da ética é ser estética, lançando mão do admirável (*sumum bonum*) como princípio-guia. A busca de novas palavras para nomear conceitos inaugurais é outra manifestação de sua originalidade e preocupação constante em se fazer entender, mantendo o rigor de suas investigações e elaborações teóricas. Diz muito sobre a temática central do texto e sua capacidade de elucidar um fenômeno trans-histórico, como é o caso da crença, tema de interesse de várias regionalidades científicas ao longo dos séculos. E mais, sua preocupação em *The fixation of belief* com a compreensão de como se dá o raciocínio crente e como ele se cristaliza em percepções, compreensões e hábitos é simplesmente genial.

Peirce inicia seu percurso sobre a crença a partir da compreensão e da problematização da lógica. Apesar de muitos acreditarem que o raciocínio é uma capacidade de todos, a realidade mostra bem o contrário. A lógica está alicerçada no princípio fundamental de que todo o conhecimento deriva da autoridade ou da razão; ainda que o que deriva da

razão dependa, em última instância, da autoridade (provavelmente, científica). Para os escolásticos medievais, a lógica e a gramática aportavam juntas o conjunto de conhecimentos necessários a uma formação intelectual robusta e adequada. De modo bastante crítico, como lhe é próprio, Peirce questiona o labor científico como possível a partir da constatação de “algum estado defeituoso da arte de raciocinar” do tempo em que foi elaborado, reafirmando que cada passo da ciência é, em si, uma lição de lógica.

Lançando mão de exemplos da história das ciências, Peirce comprova o poder de suas argumentações. Passagem particularmente especial é aquela em que tensiona os pressupostos teóricos da química e os caminhos que permitiram que Antoine Lavoisier (1743-1794) criasse uma verdadeira revolução científica. A velha máxima dos alquímicos – *Ora, lege, lege, lege, relege, labora et invenies* (“Reza, lê, lê, lê, relê, trabalha e encontrarás”) –, extraída do *Mutus Libre*, livro pictórico medieval que fundamentou toda uma tradição química, caso fosse levada às últimas consequências por Lavoisier, não teria permitido os avanços que ele obteve no século XVIII, identificando e nomeando o

oxigênio (1778) e o hidrogênio (1783), criando a primeira lista de elementos químicos e tantas outras descobertas que hoje, certamente, receberiam o rótulo de “disruptivas”. Lavoisier só conseguiu tantos êxitos, segundo Peirce, porque levou sua mente ao laboratório e fez de seus apetrechos instrumentos do pensamento, criando uma nova concepção do ato de raciocinar, como algo que se faz de maneira deliberada e a partir da realidade empírica, dos signos da realidade, e não seguindo preceitos anteriores.

Outro exemplo extraordinário é quando Peirce afirma que a controvérsia darwinista é uma questão de lógica. Charles Darwin (1809-1882), o incensado biólogo britânico, teria aplicado o método estatístico à biologia para fundamentar sua teoria da seleção natural, no livro publicado em 1859 – *Origem das espécies por meio da seleção natural* –, e obtido, com isso, um caminho dedutivo muito bem fundamentado; o entendimento de que as espécies vivem uma luta constante pela sobrevivência, e é nessa luta que a seleção atua; ainda que tenha sido incapaz de demonstrar qual será a operação de seleção que se dará em cada caso/espécie em particular. Como as características

mais adaptáveis ao ambiente eram transmitidas aos seus descendentes não foi explicado por Darwin, o que só foi possível saber, décadas depois, com o desenvolvimento da genética. Assim, o cientista inglês demonstra o fato, mas falha na explicação de como se dão a vida, a evolução e a diversidade na terra. E “o como” sempre foi uma preocupação de Peirce. Merrell (2012, p. 15), referindo-se à semiótica de Peirce, afirma que “a semiótica, enquanto uma perspectiva, emerge sempre que tentarmos recuar do ‘isso’ dos nossos atos de comunicação e perguntar a respeito dos ‘porquês’, dos ‘quês’ e dos ‘comos’ desses atos. Da mesma maneira, a semiótica deriva de uma curiosidade natural a respeito do nosso mundo, nossa cultura, nossos modos de comunicação e do que é que faz de nós distintivamente humanos”.

Seguindo em seu pensamento crítico e em sua habilidade de julgar, a mais conhecida avaliação crítica de Peirce se dirige a Immanuel Kant (1724-1804) e sua proposição acerca das categorias universais. Essas categorias incluíam espaço, tempo e causalidade, que, juntas, criariam uma estrutura ontológica, um receptáculo interpretativo ou ainda as condições essenciais

para nossa total compreensão da realidade. Manter essa visão do mundo implicaria que esse receptáculo sempre existiu e que o universo, portanto, teria evoluído dentro dele. Nessa forma de pensar, o universo cresceria no tempo e no espaço como um embrião cresce no útero materno, em total proteção, e se manteria contido, jamais “nasceria”. Peirce questionou essa noção. Certamente o tempo, o espaço e a causalidade fazem parte do universo, e como todo o universo está evoluindo – e não apenas as coisas nele –, o tempo, o espaço e a causalidade também evoluiriam. Seguindo a mesma lógica, Peirce argumentou que esse princípio de crescimento irrestrito seria verdade em todas as chamadas leis universais da ciência. Uma teoria evolutiva da realidade deve explicar não apenas o desenvolvimento das espécies (o que está “dentro”), mas o próprio desenvolvimento do tempo, do espaço, da causalidade e de todas as leis do universo. Tudo está em crescimento. Como afirma Ibri (2021, p. 296), “é interessante citar que o autor questiona a possibilidade de coerência teórica em uma filosofia que não tenha um eixo evolucionário: é duvidoso se é possível qualquer outra posição filosófica que não a evolucionista”

(NEM IV, p. 140). Esse evolucionismo é a constatação empírica do aumento da diversidade e da complexificação de todo o Universo.

Brilhante é a definição de raciocínio em Peirce (1988, p. 177). “O objeto do raciocínio é descobrir, a partir do que já sabemos, alguma outra coisa que desconhecemos”. De onde podemos concluir que o raciocínio nos oferece uma conclusão verdadeira se se estabelecer a partir de premissas também verdadeiras. Fazer avançar, a partir do que já temos de verdade, esse é o objetivo do cientista e da comunidade de cientistas, em todas as áreas do conhecimento.

Nós, humanos, somos os animais mais lógicos que existem, ainda que vários da espécie sejam muito “sanguíneos” e “esperançosos”, mais do que “a lógica justificaria” (PEIRCE, 1988, p. 178); e aqui, certamente, a origem de Peirce no hemisfério Norte do mundo o distancia radicalmente dos trópicos, não lhe sendo possível compreender algumas vantagens dessas condições. Mas, retomando o raciocínio peirceano, somos seres lógicos, mas não perfeitamente lógicos. E, para fundamentar tal argumento de imperfeição, Peirce refere a felicidade possível sem qualquer fundamento que

a justifique (bem difícil para um cientista experimental compreender isso, imagine se ele conhecesse o carnaval brasileiro!) e afirma que “o efeito da experiência é contrariar as nossas esperanças e querereres”. Assim, ser lógico é a qualidade mais útil que um animal pode possuir, e isso pode, inclusive, explicar a seleção natural, mas Peirce alerta: “ser lógico para assuntos práticos” é o que deve ser. No mais, é bem mais vantajoso ter uma mente cheia de visões agradáveis, prazerosas e harmoniosas, inclusive independente da sua verdade, justamente para permitir a nossa sobrevivência. Ou seja, Peirce admite um pensamento falacioso como caminho para a suportabilidade da vida, ainda que este não tenha sido o percurso sobre o qual ele se debruçou.

Ser “perfeitamente lógico” não parece uma condição possível, principalmente tendo em conta que, do outro lado do Atlântico, em Viena, Sigmund Freud desenvolvia os fundamentos teóricos, analíticos e clínicos da Psicanálise, instaurando mais uma ferida narcísica no homem autocentrado; não somos tão racionais quanto acreditávamos ser... Não temos controle da nossa vida como achávamos que tínhamos. Com o desvelar do inconsciente e a explicitação de que o

desenvolvimento da vida psíquica se dá sem que tenhamos acesso direto a ela, Freud expõe nossas neuroses, sintomas e sofrimentos que vão encontrar ancoragem na formação da psique ainda na infância e que poderiam ser acessados pelos sonhos, pelos atos falhos e pelos chistes (e os relaciona ao ato da fala). No entanto, há um extraordinário alinhamento entre Peirce e Freud. Peirce fala: “we are in the main logic animal, but we are not perfectly so”; e Freud (1877): “O ser humano é um animal dotado de razão imperfeita” e, por isso, influenciado por seus desejos e sentimentos. O pai da Psicanálise ainda sai na frente, justamente por compreender e criar as bases conceituais sobre o inconsciente. Peirce segue por outros caminhos.

Esse alinhamento entre Peirce e Freud – é bom que se diga que não há qualquer registro de trocas de cartas ou encontros presenciais desses dois intelectuais visionários – não é coincidência. Por caminhos diferentes, ambos atestam o quanto somos seres da crença, portanto, passíveis de nos fixar em determinadas opiniões, acreditar em qualquer coisa e promover tais convicções, mesmo diante da brutal força da realidade. Qualquer mínimo tensionamento que resvale em

nosso narcisismo será evitado ou mesmo penalizado. A mais sutil ameaça à nossa pretensa proteção será atacada, com tentativas vigorosas de aniquilação. O ínfimo risco de desamparo encontrará, na força do apagamento e na tentativa de destruição, seu destino. Poderia aqui fazer uma lista de situações envolvendo as práticas de destruição, mas a irracionalidade humana não precisa ser publicizada. Assim, o que prevalece é o conforto enganoso do *credo quia absurdum*.

A FLUIDEZ DA VERDADE NO MUNDO CONTEMPORÂNEO E A FECUNDIDADE DA CRENÇA

Do século XIX para o século XX, vivemos grandes avanços da humanidade, principalmente a partir do desenvolvimento científico e tecnológico, mas também testemunhamos imensa destruição, com destaque para as duas grandes guerras mundiais e suas consequências exponenciais para a vida social, econômica, ambiental e psíquica. A grande narrativa que estruturava a vida – ciência e tecnologia, como ecos da modernidade – entra em erupção, pois nos traz o céu (das descobertas que melhoram a vida)

e o inferno (a destruição massiva de pessoas e do ambiente). Em movimento cascateante, não apenas a grande narrativa, também as instituições passam a ser mais questionadas que seguidas (LYOTARD, 1986; GIDDENS, 1991; BAUMAN, 2007 e tantos outros), e não apenas as científicas, todas elas, sem distinção, passam a enfrentar questões inaugurais complexas, sem a possibilidade de respostas claras, causando desorientação, principalmente porque o passado se mostrou falho em apontar caminhos efetivos. Nesse contexto, a verdade se estilhaça: múltiplas possibilidades da verdade surgem com o crescimento e a valorização das identidades individuais, abrindo as condições favoráveis para a expansão e para fortalecimento das crenças, sem vínculos com a realidade.

Por meio de Richard Hofstadter (2008), ainda que suas reflexões tomassem como base o contexto americano, compreendemos que a complexidade do mundo contemporâneo, sem certezas claras como no passado, produz no cidadão comum um sentimento de pouca competência e autonomia, que leva a uma sensação de desamparo, ressentimento e rancor. O indivíduo comum se sente subjogado, torna-se

ressentido em razão da falta de conhecimento para lidar com tantas novas questões que se apresentam, e em desamparo, porque as instituições já não confortam como antes. Assim, se no passado o *expert*, o especialista, o cientista, eram considerados essenciais, agora são rechaçados simplesmente pela possibilidade de ocuparem o lugar do cidadão “comum”, empoderado pelo discurso contemporâneo, que faz com que se criem “cruciais”. Sobre o ressentimento, recomendo as primorosas reflexões de KEHL (2020). O pós-modernismo nega a existência de uma realidade objetiva e consagra o princípio da subjetividade. Segundo Lyotard (1986), há duas grandiosas narrativas que incentivaram tal condição, a primeira foi a Revolução Francesa, que colocou a humanidade como agente heroico de sua própria liberdade, por meio do avanço do conhecimento; a segunda descende do idealismo alemão, por meio da crença de que o espírito revela a verdade. O conhecimento passa a ser filtrado pelos prismas de classe, raça, gênero e outras variáveis identitárias (KAKUTANI, 2018), que dificultam a constituição e o compartilhamento do que é comum a todos.